

9
INICIAÇÃO À PESQUISA COM IMAGENS

*Ana Maria Galano**

Fotografias de um assentamento da reforma agrária na indecisa transição urbano-rural da Baixada Fluminense (1987). Fotos de acampamentos de trabalhadores sem terra no centro do Rio de Janeiro (1987). Foto de comemorações do centenário da Abolição (1988). Fotos de moradores sob viadutos, em "instalações" de rua e em carroças (1989-1992). Reproduções de fotos de professores e aluno de Ciências Sociais da UFRJ entre as décadas de 1940 e 1980 (1991). Fotos de cortiços, favelas e loteamentos periféricos (1990-1993). Reproduções de fotos do Arquivo da Memória Operária (1992); de álbuns fotográficos impressos sobre províncias de Moçambique, nos anos 20 (1992) e de iconografia do século XIX (1994). Essas fotografias fazem parte do acervo que vem se constituindo desde a criação, em 1987, do Núcleo Audiovisual de Docu-

* Laboratório de Pesquisa Social (Núcleo Audiovisual de Documentação), IFCS/UFRJ.

mentação (Navedoc), do Laboratório de Pesquisa Social (LPS), do IFCS/UFRJ. Cada grupo de imagens liga-se a registros pontuais, a ensaios fotográficos e a projetos de pesquisa que utilizam a fotografia como instrumento ou tema de investigação.

A formação do Laboratório de Pesquisa Social partiu da iniciativa de professores do Departamento de Ciências Sociais que identificaram no treinamento para a pesquisa um procedimento eficaz para enfrentar vários problemas: a necessidade de melhoria do ensino de graduação, depois de uma década em que órgãos de fomento deram apoio maciço a cursos de mestrado e doutorado; as altas taxas de evasão do curso de Ciências Sociais e a desigualdade social dentro da universidade brasileira (Gonçalves e Maggíe 1995).

Atualmente, o Programa de Iniciação Científica abrange uma população de 150 alunos: cerca de 40% dos alunos matriculados no curso de Ciências Sociais, que são beneficiários de bolsas concedidas pela Fundação Ford e pelo CNPq. Trinta professores estão associados aos núcleos temáticos de pesquisa (Silva e Kochi 1995).

Ao propor aos alunos do curso de graduação em Ciências Sociais que tratássemos e usássemos imagens, eu não dispunha de modelo anterior de ensino. Aliás, vários dos professores responsáveis por outros núcleos do Laboratório de Pesquisa Social também vieram a constatar que só aos poucos consolidaram suas respectivas modalidades de trabalho, que conservam razoáveis peculiaridades. Três tipos de experiências serviram-me de balizas iniciais. Entre a graduação em Letras e o doutorado em Sociologia, tive várias ocupações profissionais, algumas delas ligadas ao estudo e à produção de cinema.¹ Além disso, fui estagiária no Comitê do Filme Etnográfico, do Museu do Homem, em Paris. Embora úteis, essas experiências não poderiam ser simplesmente reproduzidas. Era impossível, por exemplo, tomar como modelo o ensino do Laboratório Audiovisual do Comitê do Filme Etnográfico. Lá, no final dos anos 60, os estagiários já trabalhavam em teses de doutoramento sob a orientação de Claude Lévi-Strauss. Eram americanistas que, no Laboratório Audiovisual, também se preparavam para realizar seu trabalho de campo. Havia equipamentos – câmeras e moviolas – e material sensível para os exercícios. Havia projeções e discussões de filmes etnográficos no Museu do Homem. Havia professores que eram cinegrafistas e técnicos de som.

No Núcleo Audiovisual de Documentação, começamos a trabalhar sem equipamento, sem financiamento para a compra de material sensível e sem profissionais da imagem e do som. Mas a carência de recursos em nada abalava o entusiasmo dos alunos. A notícia da formação do Núcleo se espalhou, atraindo até ex-alunos do curso de Ciências Sociais que faziam o mestrado em Antropologia Social ou eram estagiários do Museu do Índio. Os primeiros textos do Núcleo foram debatidos num clima de tanta exaltação que mais parecia tratar-se do lançamento da plataforma de um movimento cultural. A expectativa imoderada só não desandou em frustração porque eram alunos que haviam guardado uma relação muito forte com o instituto, mas estavam em outra etapa de sua formação. Em todos esses anos têm acompanhado de longe os trabalhos do Núcleo, que lhes deve o impulso inicial para que viesse a existir.

Era preciso, no entanto, começar algum tipo de atividade e, para isso, recorri a uma terceira frente de experiências com imagens, a documentação fotográfica que fizera no Alentejo, em Portugal, durante os meses em que participei das atividades do Centro Regional de Reforma Agrária de Évora.² Assim que a ocasião se apresentou – a visita a um assentamento sob jurisdição do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá) com alunos do Instituto de Geociências –, convidei Ana Lúcia Lucas Martins, graduada em Ciências Sociais e fotógrafa, para que nos acompanhasse. Isso ocorreu em setembro de 1987. Da visita ao assentamento, na Baixada Fluminense, resultou o relatório “Não há duas, mas só uma difícilíssima Boa Esperança” (Galano 1988), em que voltei a utilizar a fotografia como fonte de dados. Mas, para Ana Lúcia Lucas Martins, esse foi o primeiro de uma série de trabalhos de investigação social fotográfica, tradução aproximada do *exploring society photographically* (Becker 1981 e 1986). Em ordem de crescente complexidade, Ana Lúcia Lucas Martins produziu um ensaio fotográfico sobre acampamentos de trabalhadores sem terra (1987), uma extensa documentação sobre comemorações do centenário da Abolição (1988) e a dissertação de mestrado *Livres acampamentos da miséria* (Martins 1993), com base no projeto de pesquisa sobre “moradores de rua”.

*O aprendizado com a dissertação
Livres acampamentos da miséria*

Depois de fotografar acampamentos de trabalhadores sem terra no largo de São Francisco, no centro do Rio de Janeiro, Ana Lúcia Lucas Martins começou a se interessar por famílias que utilizavam o espaço da rua como local de precária moradia. Os trabalhadores sem terra tinham objetivos muito claros para improvisar tendas, montar cozinhas em alpendres feitos de plástico preto e ripas de madeira. Queriam ter acesso a superfícies de terra desocupadas ou sub-exploradas e, por isso, acampavam em frente à delegacia regional do Incri. Usavam o acampamento como tática de pressão e de propaganda. Panfletos, discursos e pés de milho plantados no asfalto faziam campanha pela reforma agrária.

Ao evoluir daqueles acampamentos para formas contemporâneas de "moradia de rua" no Rio de Janeiro, Ana Lúcia Lucas Martins teve de enfrentar um campo inicial de observação muito amplo e o tratamento de um tema praticamente inexplorado por trabalhos universitários. O primeiro resultado da observação detida, e retida nas fotos, foi o de identificar soluções materiais diferentes – construções embaixo de viadutos, "instalações" em calçadas e carroças – adotadas por pessoas que moram na rua. Em seguida, aqueles "edifícios" passaram a ser tratados como emblemas de duas representações que, simultaneamente, têm moldado a paisagem urbana do Rio de Janeiro: a da intervenção pública que, visando disciplinar, sanear ou civilizar a cidade, expulsa camadas populares do centro metropolitano, e a das práticas de construção própria e de resistência à expulsão para sucessivas periferias.

Ao apresentar o livro *Livres acampamentos da miséria*, o sociólogo Luís Antônio Machado da Silva (1993) refere-se a um "processo progressivo de aproximação" pelo qual a "autora acaba por olhar de perto aglomerações que, vistas a distância, não parecem passar de manchas caóticas e heterogêneas no espaço construído da cidade". Ao referir-se àquele processo, Ana Lúcia Lucas Martins trata-o do ponto de vista do enquadramento das fotos, dizendo que a etapa inicial de seu trabalho foi marcada "por um reconhecimento a distância. A ausência de detalhes, ou de planos mais próximos dos indivíduos, correspondeu ao momento em que ainda procurava identificar os elementos que constituíam os tipos de moradia de rua" (Martins 1993, p. 13). À medida que avançou

o estudo etnográfico, os moradores do arco, ou do oco, dos viadutos, os que montavam "instalações" e os que se deslocavam com suas carroças demonstraram ser subconjuntos com regularidades em sua composição social, suas práticas de sobrevivência cotidiana, suas aspirações e suas relações com o universo dos que não moram na rua. Sobre essa segunda etapa, as observações de Ana Lúcia Lucas Martins dizem respeito às reações à máquina fotográfica e ao ato de fotografar; à relação entre duração do contato com a população e os enquadramentos:

Possíveis dificuldades poderiam ter advindo do fato de estar tratando com pessoas que vivem forte rejeição social (...). No entanto, a presença da máquina fotográfica pôde mostrar o valor que davam a certos objetos como carroças. Orgulhavam-se de serem fotografados no interior dos barracos e ao lado dos filhos, irmãos, sobrinhos etc. Fotos de família eram bastante solicitadas. Pediam-me cópias para enviar aos parentes ou guardar como lembrança. Poucas vezes tive oportunidade de retornar com fotografias. Quando isso aconteceu, durante a pesquisa num viaduto, fiquei em apuros, pois as solicitações eram muito numerosas (...). Embora recorde que os pedidos não cessaram até o último dia em que fui visitá-los, curiosamente, nesse mesmo dia, fui apresentada com a fotografia do filho recém-nascido de um dos moradores. Circunstâncias da própria pesquisa fizeram com que, por vezes, priorizasse entrevistas, ficando a fotografia num segundo plano (...). Ocorreu que obtive um conjunto de fotografias que mais inventariou os aspectos materiais dos espaços de moradia do que as relações sociais que (...) necessitariam de um tempo próprio. Exemplo disso são as fotografias produzidas durante dois meses em que fiz pesquisa de campo num mesmo viaduto.

Em várias etapas da investigação, o trabalho de Ana Lúcia Lucas Martins foi discutido com alunos da graduação que se tinham integrado ao Navedoc. O impulso de compartilhar a experiência daquela dissertação de mestrado correspondeu também a uma necessidade de ajuda mútua. Em avaliações formais e informais do projeto, ora se reconhecia o interesse do tema de estudo, mas também as dificuldades para sua abordagem sociológica, ora se manifestava dúvida quanto ao "rendimento teórico" de seu tratamento e, quase sempre, havia desinteresse pela fotografia como instrumento de investigação.

*"Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro":
Um projeto para a iniciação à pesquisa de alunos
de graduação em Ciências Sociais*

Em 1990, passaram a evoluir rapidamente as atividades do Núcleo e suas condições de trabalho. Um seminário sobre usos de imagens por cientistas sociais revertia em benefícios como a constituição de inventário bibliográfico, o aprendizado de redação de resenhas, traduções etc., mas ainda não permitia alcançar plenamente o objetivo de iniciação à pesquisa. O projeto "Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro" foi a solução encontrada para levar um grupo de alunos da graduação a participar de outras etapas de um processo de pesquisa. Data da mesma época a atribuição de bolsas de iniciação científica da Fundação Ford e do CNPq para os alunos integrantes do Núcleo; a aquisição de filme, papel e química; a construção de um laboratório de fotografia com instalações e equipamentos de boa qualidade. Esse processo material correspondeu ao fim do período probatório de dois anos: os núcleos do LPS deviam demonstrar a capacidade de definir projetos próprios e de envolver um número estável de alunos em atividades regulares.

A montagem e a execução de "Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro" revelou-se de razoável complexidade, uma vez que o projeto associava: (a) registro fotográfico; (b) levantamento e análise crítica de bibliografia sobre usos de imagens fixas e sobre vários tipos de moradia popular; (c) observação e entrevistas.

Alguns alunos tentavam aproximar-se de habitantes de favelas e de loteamentos periféricos, mas questões relativas a moradia não estavam na origem daquelas tentativas e só progressivamente vieram a tornar-se objeto de seus estudos. Luís Antônio Machado da Silva, professor do Departamento de Ciências Sociais, aceitou discutir observações e problemáticas que os alunos traziam das suas incursões a locais de moradia popular. E, paralelamente às discussões, ministrou a disciplina Sociologia urbana no curso de graduação. Foi durante os seminários do Núcleo e em sala de aula que se definiram as questões de três subprojetos.

A lei e os costumes numa favela da zona sul do Rio de Janeiro

Movido por grande exasperação com a eleição de Fernando Collor para a presidência da República, em 1989, um aluno de graduação subira o morro com o objetivo de entender o voto popular ou, pelo menos, o de moradores de uma favela da zona sul. Ao fim de alguns meses, e bastante desanimado, contou-nos que a conjuntura política nacional não empolgava os moradores. Em resumo, não se falava de "política". Mas, para descobrir isso, conhecera pessoas, tomara cerveja com uns e outros, e assistira a reuniões da associação de moradores. O desenrolar dessas reuniões aborrecia-lhe particularmente: havia uma espécie de lista de chamada por números, correspondente aos de "lotes" respectivos. Propusemos que tentasse ir além do aborrecimento com o que lhe parecia "burocrático", procurasse entender como um certo modo de proceder tornara-se rotineiro e os significados daquela rotina. Dois outros alunos de graduação em Ciências Sociais vieram a integrar a equipe do subprojeto, que produziu um pequeno estudo sobre a história da favela e das formas de organização de seus moradores. Trataram ainda dos efeitos de contatos com vários tipos de "assessorias" (pastoral da Igreja católica e ONGs) sobre a adoção de certas práticas de encaminhamento e de tentativas de solução de conflitos e, em particular, a introdução de práticas jurídicas. Ao final do trabalho de campo, observaram o surgimento de demandas individuais por serviços jurídicos, contrariamente a encaminhamentos efetivos ou a tentativas de encaminhamentos coletivos em período anterior.

Retrato falado de um loteamento periférico

Uma aluna da graduação em Ciências Sociais disse-nos que já conhecia moradores de loteamento periférico vizinho ao conjunto habitacional onde residia, na zona oeste. Passara a freqüentar o loteamento em virtude de sua participação em "trabalho" desenvolvido ali pela Igreja católica. Para a aluna, o loteamento representava um concentrado de carências. Leituras sobre loteamentos e periferias, e conversas com os moradores, deslocaram o seu eixo de atenção para as vantagens comparativas que os moradores atribuíam a seu local de residência. Ainda

assim, os efeitos da proximidade revelavam-se em suas primeiras fotos: no loteamento, havia criação de animais e pequenas plantações a que ela nunca se referia nem via. A investigação já ia bastante adiantada quando outra aluna veio a participar do subprojeto. Residente num antigo e populoso subúrbio da zona norte, essa aluna logo manifestou estranheza em relação à paisagem e aos costumes do loteamento periférico, o que trouxe novos elementos para a análise de práticas culturais do lugar.

Usos privado e coletivo do espaço num cortiço do centro do Rio de Janeiro

O único integrante do Navedoc que era aluno do curso de Comunicação da UFRJ andava fotografando por gosto a parte velha e decadaída do centro do Rio. Bem menos exercício escolar do que *flânerie*, essas imagens contrastavam pelo enquadramento e pela atmosfera com seus registros fotojornalísticos de visitas ao Rio de personalidades políticas negras (Nelson Mandela, Harlem Desit). Um belo dia, enfim, apareceram fotos do pátio de um cortiço e comentários sobre a apropriação individual, ou familiar, de espaços antes destinados a uso coletivo. Por recomendação de Luís Antônio Machado da Silva, o aluno de Comunicação e outro, de graduação em Ciências Sociais, lançaram-se na reconstrução do tipo ideal de cortiço da virada do século e em sua comparação a um cortiço do atual fim de século.

Todos os alunos que participaram de "Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro" frequentaram seus respectivos locais de investigação durante cerca de dois anos. Para evitar que o projeto se interrompesse quando concluíssem o curso de graduação, propus que trabalhassem em duplas integradas por alunos de níveis diferentes. Ainda assim, inevitáveis desfalques levaram, por vezes, a rupturas de contatos ou a difíceis adaptações a estilos muito pessoais de trabalho.

Da fotografia

Ao procurar o Navedoc, os alunos sempre declaravam interesse em trabalhar com imagens, o que em geral significava vagamente fazer

fotos e vídeos, discutir questões muito diversas sobre linguagens e meios de comunicações audiovisuais etc. A ênfase no trabalho com fotografia, embora não exclusiva,³ merece, por isso mesmo, ser explicitada. O envolvimento com a pesquisa sobre "moradores de rua" e a construção de um laboratório fotográfico não foram os únicos fatores que levaram àquela ênfase. À medida que o laboratório se equipava e crescia a disponibilidade de material sensível, passávamos também a ser solicitados a fazer fotos para projetos de pesquisa de professores e alunos de outros núcleos, documentar eventos que ocorriam na instituição, reproduzir fotos para exposições e publicações etc. No limite, o laboratório fotográfico já teria assim sua existência justificada, sem constituir, no entanto, o suporte para treinamento em que se associassem pesquisa sociológica, práticas de análise e de produção fotográfica.

Em 1990, tivemos o privilégio de contar com o melhor dos interlocutores, o sociólogo Howard Becker, para discutir e avaliar nossos projetos. Além de rebater críticas, legitimou escolhas e abriu-nos perspectivas com seus comentários sobre a potencialidade das fotos que lhe apresentamos. Pouco tempo depois, os alunos tiveram outro encontro decisivo, dessa vez com Miriam L. Moreira Leite, que se tem dedicado desde o final da década de 1970 à análise de fotografias de arquivo (Moreira Leite 1988, 1992, 1993). Os alunos conheciam textos da historiadora e novamente descobriram a possibilidade de intercâmbio com base em leituras e discussões que acompanhavam a realização de seus trabalhos. As iniciativas do Navedoc já tinham suscitado também o interesse de fotógrafos, em particular o de Milton Guran (1987, 1992), que se dispuseram a fazer palestras e participar de seminários. Esses encontros revelavam aos alunos a existência de um espaço próprio para se pensar relações entre imagens e pesquisa sociológica, assim como a possibilidade de participação nesse espaço por meio de seu treinamento para a pesquisa. Esse foi certamente o fator determinante para a ênfase no trabalho com fotografia.

Quanto à capacitação fotográfica técnica, um único curso foi ministrado por aluno integrante do Navedoc. Alguns alunos já tinham conhecimentos iniciais e procuraram seguir cursos profissionalizantes, como o do Senac. Outros, que faziam fotos há bastante tempo, conheciam técnicas de ampliação e revelação, aperfeiçoaram seu aprendizado na participação em congressos promovidos por associações de fotógra-

fos. De resto, a possibilidade de acesso permanente a um laboratório contribuiu para que adquirissem habilidades para fazer o que só se aprende mesmo com a prática.

À medida que os alunos ampliavam sua cultura visual e que aumentava o número de fotos que produziam, tornavam-se mais exigentes com a qualidade, a intensidade, o impacto, o interesse etc. de sua produção fotográfica. Muitas vezes, no entanto, não associavam aquela exigência à reflexão sobre como conduziam suas investigações respectivas.⁴ Não se deu espontânea nem automaticamente a reflexão sobre fotos associada às questões que estudavam. Ao contrário, o treino para a leitura das fotos revelou as mesmas dificuldades que o treino para a redação de textos.

Das discussões relativas ao uso da fotografia na dissertação sobre "moradores de rua" ficaram alguns ensinamentos, como o da necessidade de não conservar contatos e ampliar sistematicamente as fotos. Mas, se agora realizávamos mais reuniões do Núcleo para tratar das fotos, nunca propus aos alunos que registrassem por escrito suas observações. Perdeu-se, assim, um importante material para o acompanhamento ao longo do tempo da prática fotográfica e de sua relação com outras práticas do processo de pesquisa.⁵ Só ao ler os textos redigidos para publicação é que me dei conta do desastre: não encontrava neles vários dos comentários interessantes ouvidos em reuniões. Alguns felizmente tinham sido conservados nas anotações dos alunos, outros foram reconstituídos. Surgiram então novidades curiosas. Agora, com o trabalho quase terminado, os alunos falavam com muito mais liberdade de dificuldades do que quando as enfrentavam.

Em relação às primeiras fotos, houve tanto descontração com as imagens obtidas quanto apreensão quase paralisadora. A descontração ocorreu quando era maior o domínio técnico da fotografia e menor a distância física para o acesso ao local estudado. A possibilidade de retornar mais fácil e frequentemente a um cortiço no centro do Rio do que, por exemplo, a um loteamento a pelo menos uma hora de viagem de trem, teve seqüências sobre o ritmo dos contatos com a população e a ansiedade em obter imagens significativas. Só depois de uma dura experiência de frustração com suas fotos, e de perplexidade a respeito do que fotografar, a aluna que se deslocava nos fins de semana para a periferia decidiu utilizar a fotografia como "recurso exploratório":

Entendi que, dentre todas as fotos, somente algumas seriam boas e úteis, e poderiam ser aproveitadas diretamente na pesquisa. Um pouco para minha surpresa e satisfação, os resultados de minha "exploração fotográfica" fizeram ver outras possibilidades de utilização da fotografia. Ela foi não só capaz de registrar aquilo que desejava, como pôde – e isso aconteceu frequentemente – captar detalhes que passavam despercebidos a um primeiro olhar e que, sem ela, não teriam despertado nossa curiosidade. (Carvalho 1995)

As afirmações sobre a "boa aceitação" da fotografia por moradores dos diversos locais estudados perderam o caráter unilateral de que se revestiam de início. Não se tratava apenas de moradores que se queixavam de fotografar e vinham pedir exemplares de suas fotos. Os relatos do movimento de aproximação com moradores revelavam que, antes de tudo, foram os alunos que tiveram de ser aceitos. E as razões para sua aceitação não correspondiam necessariamente aos objetivos que explicitavam para sua presença.⁶ Foi assim que se evoluiu de um tratamento ainda ingênuo do tema da "boa aceitação" da fotografia para questões éticas relativas à incerta compreensão, por parte dos moradores, do empreendimento ao qual passavam a prestar sua colaboração, à objetividade da informação e do registro fotográfico.

Com a autorização de um morador, foram fotografadas a fachada do cortiço e as pessoas que lavavam roupa nos tanques coletivos. Em seguida, os alunos descobriram ser bem mais difícil passar dentro das residências. Ao estabelecer contato com a moradora mais antiga do cortiço, descobriram que pouco "adiantava" dizer que eram alunos da UFRJ fazendo uma pesquisa sobre moradia popular. Isso não lhes teria literalmente aberto qualquer porta:

Foi conversando sobre retratos, quando ela fez questão de mostrar fotos de um filho advogado e de suas netas, que a situação começou a se inverter. Pouco tempo depois, permiti que se fotografasse o interior de sua casa. Esse fato colaborou (...) para aproximação com outros moradores. Por um lado, tinha-se fotografado a casa de uma pessoa conhecida e respeitada (...). Por outro, as fotos devidamente ampliadas causaram entusiasmo em algumas pessoas que se mostraram dispostas a deixar suas casas serem fotografadas. (Madeira e Pontes 1995)

Na favela, ao assistir a reuniões da associação de moradores,

alguns deles acercavam-se de nós, contando seus 'casos', (...) problemas de compra e venda de terrenos, medição de lotes e, por vezes, conflitos com o síndico do núcleo. Nesses momentos, tentávamos esclarecer porque estávamos ali e como nossa presença ligava-se a um projeto de pesquisa. Não demonstravam nenhum interesse que nos estimulasse a continuar nossa "explicação". (Lara e Motta 1995)

Uma das alunas decidiu levar bem longe a "não compreensão" a respeito de sua presença na favela, e acompanhar uma moradora até o local que lhe parecia mais adequado para fotografar:

Numa manhã de domingo de sol, fomos à casa de dona E. aproveitando a luz para fotografar, já que era mais frequente irmos à favela à noite (...). Após termos conversado um pouco, dona E. perguntou se não gostaríamos de ir tirar fotografias. Fomos até a entrada dos lotes e começamos a subir. Até certo ponto, degraus; depois, apenas terra e caminhos abertos pelos que passam por ali para chegar a suas casas. A vegetação era densa, o mato alto e a dificuldade de equilibrar-nos ainda maior. Mas era a vista que dona E., satísfeita, apresentava – um amplo panorama do bairro de Copacabana, uma favela que ainda tinha áreas verdes e o azul do mar. Fotografei o que dona E. me mostrava, tentando tornar compatíveis os seus e os nossos interesses. A exuberância do verde, a quase ausência de casas e a possibilidade de visualizar a divisão da favela em lotes (...). Para dona E., um registro fotográfico devia ser agradável aos sentidos. Através de tal associação, dona E. também afirmava que a favela, seu local de moradia, tinha características a serem apreciadas. Uma delas, a vista do alto – do bairro e do mar – constituía uma bela imagem sendo, por isso, passível de ser fotografada. (Lara e Motta 1995)

Durante meses, no loteamento da periferia, as alunas foram "confundidas com repórteres ou funcionárias do governo", até serem reconhecidas como "as meninas da faculdade que estavam fazendo uma pesquisa". Essa identidade parece ter assegurado uma confortável posição para tirar fotos – o encontro de homens adultos no balcão de uma biroscia; adolescentes jogando pingue-pongue à sombra de uma árvore – que sugerem o ritmo calmo de lugares retirados, apreendem momentos de pausa na vida dos moradores sem interromper gestos ou conver-

sas. Ainda assim, as "meninas" quase sempre foram recebidas nos quintais e nas varandas, invertendo-se ironicamente as posições respectivas de "antropólogos" e "nativos" de outras épocas. Muitas de suas fotos foram feitas num processo de "negociação" com moradoras que "gostavam de ajeitar a roupa, pentear-se, escolher poses e arrumar a casa antes de serem fotografadas". Decidiram que mais valia obter essas imagens, explicitar as condições em que foram produzidas e refletir sobre o "ritual" de preparação para a foto (Carvalho 1995). Em todo caso, não dispunham de solução alternativa⁷ que talvez lhes tivesse a evitado a situação de dilema que enfrentavam.

Num local de habitação densa como a favela, e progressivamente tenso,⁸ a "não compreensão" dos objetivos dos alunos e sua ambígua identidade nem sempre levou de imediato a desencontros harmoniosos:

Um dia, ao paramos num bar, antes de seguirmos para a reunião da associação de moradores, fomos interrompidos por um homem mulato de uns 30 ou 40 anos. Queria saber o que fazíamos ali (...). Éramos estranhos que precisavam ser identificados e esclarecer a razão de sua presença. Dissemos que estávamos fazendo uma pesquisa para a universidade (...). Por coincidência, naquele dia, trazíamos fotos ampliadas e resolvemos mostrá-las. À medida que as olhava, o homem demonstrava surpresa com as imagens, buscando decifrar que locais eram exatamente aqueles. Talvez também o surpreendesse ver a favela em preto e branco. Se, momentos antes, éramos percebidos como estranhos ou intrusos, após ver as fotos, o homem já dizia que nós conhecíamos tudo, éramos "íntimos" do lugar. Para aquele morador, ver as fotografias foi também a ocasião de tomar conhecimento dos locais onde tínhamos estado, constatar nossa "entrada" na favela e, talvez, que "entrássemos" de uma forma diferente da que supunha inicialmente. (Lara e Motta 1995)

Trata-se de uma utilização inusitada, ou pelo menos aproximada, da técnica de "aliciamento pela foto" (*photo elicitation*, cf. Collier 1967) que os alunos conheciam e usaram em outras ocasiões. Por exemplo, ao entrevistar o proprietário do cortiço: "Ele parecia estar dialogando com as fotos, como se elas fossem um segundo entrevistador. Mal começou a vê-las e logo iniciou seus comentários, antes mesmo que lhe fizéssemos alguma pergunta específica" (Madeira e Pontes 1995).

Finalmente, em seu último dia de trabalho de campo, no caso dos alunos que realizavam o estudo na favela, eles reentrevistaram o presidente da associação de moradores, que lhes mostrou "obras de períodos anteriores e locais que abrigaram trabalhos resultantes de atividades de assessorias". Foi quando fotografaram a "lixeira coletiva construída pela associação de moradores, mas nunca utilizada em virtude do hábito de jogar o lixo encosta abaixo". A obra exemplificava, segundo o presidente, divergências entre os propósitos das "assessorias" e os costumes dos moradores. Fotografaram também a antiga "lavanderia coletiva", construída na sede da primeira associação de moradores, dos anos 60. Agora a lavanderia estava desativada e o prédio ocupado por quatro famílias que aí passaram a residir:

O ato de fotografar propiciou uma nova dinâmica para a obtenção de dados. O simples procedimento de entrevistista (...) provavelmente não permitiria o acesso a conhecimentos obtidos ao longo do caminho em direção às fotos. Enquanto andava pela favela, o presidente da associação ia revendo lugares e nos falava a respeito deles.(...) Ao chegarmos à lavanderia, ele acabou por pedir licença aos moradores que lá residiam para que vissemos uns tanques que ainda restavam. As famílias tinham subdividido o espaço interior da ex-lavanderia com lençóis pendurados. O que o presidente via, o conjunto dos elementos que pontuavam sua narrativa, ele os reorganizava em sua memória de modo a lhes atribuir sentidos, precisando nosso foco de observação. (Lara e Motta 1995)

E por aqui vou ficando... nova investigação com imagem animada e som sincrônico sobre a apropriação dos espaços de um cortiço.

Em 1993, a sub-reitoria de graduação da UFRJ lançou concurso para seleção de projetos de material didático em vídeo. Como disse, havia alunos integrantes do Navedoc particularmente interessados em trabalhar com vídeo. Eles demonstraram grande empenho em que concorressem ao financiamento. Por várias razões, fui reticente quanto a esse procedimento que, afinal, deu origem a trabalho gratificado com curioso comentário: teria sido a "atividade mais complexa" de seu curso de graduação em Ciências Sociais, segundo um dos alunos.

Minhas reticências deviam-se aos limites das experiências anteriores com vídeo realizadas pelo Navedoc.⁹ Dessa vez, no entanto, pareciam estar reunidas condições para superar parte dos obstáculos enfrentados nos outros projetos. Tinha-se como ponto de partida uma das investigações desenvolvidas pelos próprios alunos. Isso porque, muito rapidamente, decidiu-se tratar dos usos do espaço no cortiço, em virtude do fato de ser o local de mais fácil acesso e o que apresentava menores problemas de segurança. Além disso, havia o contato prolongado com moradores e questões bem definidas, que tinham orientado a investigação sobre transformações arquitetônicas no cortiço. Embora continuássemos a não dispor de câmera própria, iríamos ter acesso ao equipamento da Central de Produção Multimídia, da EGO/UFRJ. Um dos alunos participava da equipe dos documentários anteriores e tinha experiência de trabalho profissional como câmara.

Apesar dessas circunstâncias favoráveis, logo se constatou a incompatibilidade entre o tempo demorado da investigação sociológica com vídeo e a agenda sobrecarregada de uma central de produção. Os alunos desincumbiram-se da tarefa como puderam: concentraram as gravações. Ao ver o copião, estranhei a ansiedade que traía. Havia muitos planos demasiadamente curtos. O espaço coletivo do cortiço – o passadiço, o pátio com tanques de lavar roupa e varais, as galerias do sobrado – merecera pouca atenção. Não havia imagens com detalhes das engenhosas obras – puxados, prolongamentos de instalações hidráulicas, grades e portoezinhos – que resultavam da apropriação familiar de espaços anteriormente coletivos. As entrevistadas eram orientadas para a obtenção de respostas coincidentes com o resultado da investigação anterior. Qualquer "divagação" era interrompida por nova e insistente pergunta.

A possibilidade de edição daquele material pareceu-me bastante prometedora. Era não contar com a tenacidade dos alunos. Durante vários dias, fecharam-se no escuro da sala de vídeo do instituto fazendo tentativas de pré-edição. Tomaram o partido de assumir o entrecortado das imagens e ainda o acentuaram, com o ritmo de uma trilha sonora acelerada e sincopada (*Batucque da cozinha*, de João da Bahiana, e *Sarna para Radamés*, de Paulinho da Viola). Fotos de Augusto Malta, acompanhadas de narração em *off* com história da urbanização do Rio de Janeiro, foram introduzidas por *Brejeiro*, de Ernesto Nazareth.

O documentário que produziram não se limitava a ilustrar o projeto de pesquisa prévio, não serviria apenas como meio audiovisual de divulgação de seus resultados, e acabou por constituir nova etapa de investigação. É claro, no entanto, que o trabalho anterior está ali cristalizado e muito evidentemente em vários sinais de entendimento mútuo nas próprias entrevistas.

Entre a conclusão do trabalho de campo e as gravações do documentário passara-se um ano. Tínhamos feito conjecturas sobre sobrevivência do cortiço e permanência dos moradores em virtude da especulação imobiliária. No primeiro caso, pensara-se na possibilidade de demolição; no segundo, de renovação, valorização do imóvel e substituição dos moradores do cortiço. Para sugerir essas possibilidades, pensara-se num plano noturno do cortiço cercado das luzes dos altos edifícios do centro da cidade. Mas, em março de 1994, as casas-cômodos tinham ganho números acompanhados das letras SMDU, tudo pintado com tinta preta. A ameaça se aproximava, e tanto pior quanto difusa: "Estão dizendo que a vila, a avenida vai acabar." Nenhum morador demonstrou saber o significado da sigla – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – e as referências feitas à Defesa Civil não revelavam maior esclarecimento sobre a extensão de suas prerrogativas, mas apenas sobre conseqüências de sua intervenção: com a Defesa Civil, dizia-se, não haveria indenização das benfeitorias. Caberia agora tentar compreender a aparente resignação demonstrada pela maioria dos moradores,¹⁰ principalmente diante do maior ganho da nova etapa de aproximação entre moradores e alunos.

Apesar de entrecortadas, as entrevistas diziam o porquê das transformações na arquitetura do cortiço e falavam do ciclo de vida de famílias. A ausência do proprietário, ou de seu representante, tinha permitido que moradores tomassem iniciativas de obras diversas. Isso era o que se sabia por meio de estudo anterior. Agora, as obras também tornavam-se indissociáveis da história das famílias: o nascimento de filhos, a chegada à adolescência de meninas, a morte de um dos cônjuges etc. A moradia emergia como uma longa crônica familiar materializada em paredes, meias-paredes, pisos, canos, piaas, vasos, grades, cortinas, colchas, capas, móveis, babados, retratos de parede, aparelhos eletrodomésticos e uma incalculável quantidade de pequenos objetos de decoração.

O treinamento para pesquisa sociológica nesses projetos que fizeram uso de imagens atingiu os objetivos visados quando da criação do Laboratório de Pesquisa Social: nenhum aluno abandonou o curso de graduação; dentre os sete membros da equipe de "Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro", três ingressaram em cursos de pós-graduação; três beneficiaram-se de bolsas de Aperfeiçoamento/CNPq, ou similar, e contaram dedicar-se profissionalmente a trabalhos de pesquisa em Ciências Sociais.

Quanto a conter a evasão do curso de Ciências Sociais, trata-se de resultado extensivo aos demais núcleos do Laboratório de Pesquisa Social. Talvez a única especificidade do treinamento do Núcleo Audiovisual de Documentação seja o fato de que os alunos atraídos por seus projetos não eram particularmente motivados pelas disciplinas e pelos métodos mais habituais de um curso de Ciências Sociais. Fazendo o caminho "pela imagem" conseguiram integrar-se. Aliás, houve mais de um caminho e, por vezes, bastante surpreendente. Por exemplo, um dos alunos, que apresentava acentuados problemas em sua escolaridade, começou a melhorar seu rendimento ao desenvolver capacitação técnica fotográfica, sendo solicitado por outros pesquisadores para registros em seus locais de investigação.

Mas a conquista para as Ciências Sociais não foi sempre garantida. Os dois alunos mais capacitados em técnica fotográfica e com cultura visual mais ampla seguiram outros caminhos: um deles, depois de graduar-se em Ciências Sociais, entrou para o curso de cinema da UFF; um outro, graduado em Comunicação, foi admitido no mestrado em Sociologia da UFRJ. Uma das alunas graduadas em Ciências Sociais tornou-se competente pesquisadora visual para filmes documentários e de ficção, indicando talvez um novo e insuspeito mercado de trabalho.

Em 1992, ao avaliar o Programa de Iniciação Científica do LPS, Thomas Skidmore chamou atenção para a possibilidade de tensões resultantes da grande dedicação a tarefas pedagógicas por parte dos professores, e a exigência de publicações que lhes é feita o tempo todo. Mais recentemente, um dos professores participantes do Laboratório de Pesquisa Social manifestou a mesma preocupação, registrando inevitáveis oscilações de humor diante daquelas tensões:

... Mesmo os entusiastas mais otimistas sofrem recaídas de pessimismo, sobretudo quando se dão conta da quantidade de trabalho que o LPS exige e os consequentes prejuízos que acarreta para a produção intelectual, o único critério para a distribuição de prestígio e poder no mundo acadêmico. (Fry 1995, p. 27)

As atividades do Núcleo Audiovisual de Documentação tiveram muito rapidamente acesso a um dos fóruns mais prestigiados do universo das Ciências Sociais no Brasil. Os documentários em vídeo *Oxalá Jesus Cristo, Continuidade & rupturas. 50 anos do curso de Ciências Sociais da UFRJ* e *E por aqui vou ficando...* foram exibidos, respectivamente, em 1989, 1991 e 1994, em Encontros Anuais da Anpocs. Desde 1993, um grupo temático – “Usos da imagem” – foi incluído na programação do Encontro Anual daquela associação e, de 1994 a 1996, funcionou um grupo de trabalho com o mesmo objeto de análise, de que fui co-coordenadora.

Uma fase pioneira parece-me, no entanto, ter chegado ao fim. Outras iniciativas voltadas para usos de imagens em pesquisas de Ciências Sociais surgiram nos últimos anos,¹¹ tornando necessário repensar os métodos de formação intensiva dos alunos de graduação no LPS. Por enquanto, fica aqui o registro da experiência realizada que, se por sua intensidade foi muito atraente, pelo mesmo motivo requer a descoberta de procedimentos mais sistemáticos e rotineiros, sem que se perca o gosto pela produção de conhecimento, por sua expressão em palavras e imagens.

Notas

1. O reconhecimento de filmes da Comissão Rondon, sob a orientação de dona Heloisa Alberto Torres, então presidente da Campanha Nacional de Proteção aos Índios; a assistência à montagem do filme *Xatá, da Serra dos Dourados*, de Vladimir Kozac; a redação de artigos sobre o cinema brasileiro e a co-autoria de roteiros de filmes de ficção.
2. Durante os meses em que participei das atividades do Centro Regional de Reforma Agrária de Évora, sempre levava a máquina fotográfica ao acompanhar os agrônomos que visitavam herdades ocupadas por trabalhadores. Fotografava tudo o que me parecia significativo de um acelerado processo de mudanças sociais. Aquelas fotos se revelaram, depois, preciosas, quando decidi escrever minha tese de douto-

ramento sobre a transformação das estruturas agrárias e as modalidades de participação de diferentes camadas do campesinato naquele processo (Galano 1983). Ao deixar Portugal em outubro de 1975, não imaginava que por muito tempo não poderia voltar. Também não sabia que a relação de forças políticas se tornaria rapidamente tão desfavorável aos trabalhadores agrícolas do Alentejo. Ficaram as fotos. A elas me agarrei para conservar a memória do que muito provavelmente constituiu a última tentativa de coletivização de terras na Europa Ocidental.

3. Entre 1988 e 1991, O Núcleo Audiovisual de Documentação realizou dois documentários em vídeo: *Oxalá Jesus Cristo*, 1989, Betacam/VHS, 20', em parceria com o Iser e *Continuidade & rupturas. 50 anos do curso de Ciências Sociais da UFRJ*, 1991, U-Matic/VHS, 52', em parceria com o Núcleo de Pesquisas em Sociologia da Cultura (Nusc) do LPS/UFRJ.
4. A problemática da “foto chata” ocupou-nos inutilmente durante algumas reuniões. Enquanto as discussões limitaram-se à qualidade técnica e/ou estética das fotografias, sem vinculação ao foco de estudo, à questão tratada, à sensibilidade para o contato com os moradores, ao contexto histórico etc., pouco avançamos na compreensão do que se apresentava como descontentamento com as fotos produzidas.
5. Howard Becker sugere uma possível seqüência de etapas para projetos de sociólogos-fotógrafos (Becker 1986, pp. 246-250).
6. Para Howard Becker, ainda que ocorra a negociação entre pesquisador e pesquisados, tanto em projetos de sociólogos quanto de fotógrafos, “as pessoas pesquisadas provavelmente não sabem em que se estão envolvendo. Podem dar o seu consentimento, mas não se trata de um consentimento fundamentado. De um ponto de vista ético e talvez de um ponto de vista legal, a negociação não é completamente válida” (Becker 1986, pp. 246-250).
7. Em estudo sobre transformações da condição de agricultor, na região de Bresse, na França, Champagne (1986) propõe que famílias representativas de determinadas situações sociais escolham os cenários exteriores e os de interiores de suas casas, as roupas, as poses etc. em que preferem ser fotografadas.
8. “... A favela foi se tornando um local onde ocorriam cada vez mais episódios violentos, aparecendo na imprensa frequentes notícias sobre confrontos armados entre policiais e traficantes” (Lara e Moita 1995).
9. Nos dois documentários co-produzidos anteriormente pelo Núcleo, a participação direta dos alunos concentrara-se em determinadas fases da produção – levantamento fotográfico anterior às gravações, pesquisa iconográfica e fotográfica em arquivos institucionais e individuais, gravações de fotos de arquivo, fotografias (*stills*) feitas durante as gravações, pré-edição – e fora menor em etapas que me pareciam fundamentais para o aprendizado do uso do vídeo em projetos de pesquisa em Ciências Sociais: a definição do “roteiro”, as gravações de rituais, de entrevistas etc. e a edição.
10. Para o tratamento da aparentemente resignação no cotidiano e as possibilidades de reação em momentos de crise voltamos, e não por acaso, a *Os bestializados*, de José Murilo de Carvalho (Carvalho 1987), uma das primeiras leituras da equipe do subprojeto sobre o cortiço.

II. Jornadas de Antropologia Visual do Departamento de Antropologia, da UFRS, em 1992 e em 1994; as Mostras Internacionais do Filme Etnográfico, Rio de Janeiro, CCB, em 1993 e 1994; mesas-redondas e grupos de trabalho sobre antropologia visual em encontros nacionais e regionais da Associação Brasileira de Antropologia, em 1993, 1994 e 1995; criação do Núcleo de Antropologia e Imagem, da UERJ, em 1994, e publicação de *Cadernos de Antropologia e Imagem*, da mesma instituição, em 1995.

Bibliografia

- BECKER, Howard. *Exploring society photographically*. Chicago: Mary and Leigh Block Gallery/Northwestern University, 1981.
- _____. *Doing things together*. Chicago: Northwestern University Press, 1986.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves de. "Retrato falado de um loteamento". Em: *Fotografando a moradia popular*. Série "Iniciação Científica", n. 5. (1995) Rio de Janeiro: LPS/IFCS/UFRJ.
- CHAMPAGNE, Patrick. "La reproduction de l'identité", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 65 (1986), Paris: Minuit.
- COLLIER, John Jr. *Visual anthropology: Photography as a research method*. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.
- FRY, Peter. "Formação ou educação: Os dilemas do antropólogo perante a grade curricular". Em: *O ensino da antropologia no Brasil. Temas para uma discussão*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.
- GALANO, Ana Maria. *Ouvriers agricoles et paysans dans la réforme agraire au Portugal*. Universidade de Paris X. Tese de doutorado, 1983.
- _____. "Não há duas, mas só uma difícil Boa Esperança". Mesa-redonda sobre assentamentos da reforma agrária, PIPSA, UERJ, 1988.
- GONÇALVES, Marco Antônio e MAGGIE, Yvonne. "A experiência do LPS". Em: Pessanha, E.G. da F. e Villas Bôas, G. (orgs.). *Ciências sociais. Ensino e pesquisa na graduação*. Rio de Janeiro: Jornada Cultural, 1995.
- GURAN, Milton. "Fotografia e pesquisa antropológica", *Caderno de Textos Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1987.
- _____. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- LARA, Paulo Castiglioni e MOTTA, Ariana Timbó. "A lei e os costumes numa favela da zona sul do Rio de Janeiro". Em: *Fotografando a moradia popular*. Série "Iniciação Científica" n. 5. (1995) Rio de Janeiro: LPS/IFCS/UFRJ.
- MADEIRA, Carlos Pires e PONTES, José Renato P. "Utilização do espaço privado e coletivo num cortiço carioca". Em: *Fotografando a moradia popular no Rio de Janeiro*. Série "Iniciação Científica" n. 5. (1995) Rio de Janeiro: LPS/IFCS/UFRJ.
- MARTINS, Ana Lúcia Lucas. *Livres acompanhamentos da miséria*. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1993.
- MOREIRA LEITE, Miriam L. "Fotografia e história", *Ciência Hoje*, v. 7, n. 39 (1988).
- _____. "Imagens e contextos", *Boletim Centro de Memória Unicamp*, v. 5, n. 10 (1993a).
- _____. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993b.
- MOREIRA LEITE, Miriam L. e SIMSON, Olga von. "Imagem e linguagem: Reflexões de pesquisa", *Textos CERU* 3, 1992
- SILVA, Luís Antônio Machado da. "Apresentação". Em: Martins, A.L.L. *Livres acompanhamentos da miséria*. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1993.
- SILVA, Nelson do Valle e KOCH, Regina. "Algumas observações sobre a graduação em Ciências Sociais e o Laboratório de Pesquisa Social". Em: Pessanha, E.G. da F. e Villas Bôas, G. (orgs.). *Ciências sociais. Ensino e pesquisa na graduação*. Rio de Janeiro: Jornada Cultural.

1

Bela Feldman-Bianco
Míriam L. Moreira Leite (orgs.)

DESAFIOS DA IMAGEM

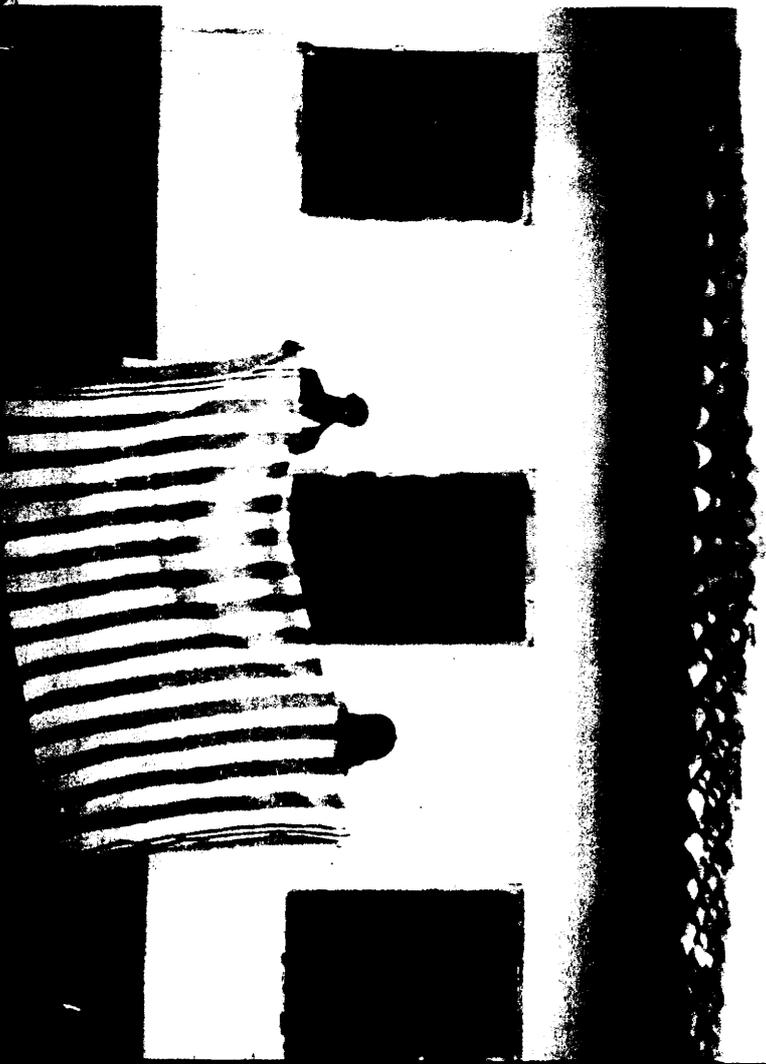
Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais

Bela Feldman-Bianco
Míriam L. Moreira Leite
(orgs.)


PAPIRUS

DESAFIOS DA IMAGEM


PAPIRUS



Capa: Fernando Comacchia
Foto: Hélio Ferreira dos Santos, 1991
(seção que confeccionou a capa)
Copidesque: Mônica Saddy Martins
Revisor: Lilliane Moreira Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Desafios da imagem : Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais / Bela Feldman-Blanco, Miriam L. Moreira Leite (orgs.). — Campinas, SP : Papirus, 1998.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 85-308-0503-8

1. Ciências sociais 2. Comunicação visual 3. Fotografia
4. Iconografia 5. Sociologia visual 6. Vídeos I. Feldman-Blanco, Bela. II. Leite, Miriam L. Moreira. III. Título. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.

98-0506

CDD-306

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguagem visual : Antropologia cultural : Sociologia 306

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
INTRODUÇÃO	11
<i>PARTE I</i>	
<i>REFLEXÕES SOBRE LINGUAGEM VISUAL</i>	
1. SOB O SIGNO DO "CLIC": FOTOGRAFIA E HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN	21
2. TEXTO VISUAL E TEXTO VERBAL	37
3. QUESTÕES HEURÍSTICAS EM TORNO DO USO DAS IMAGENS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	51

DIREITOS RESERVADOS PARA A LINGUA PORTUGUESA:

© M.R. Comacchia Livraria e Editora Ltda. — Papirus Editora
Maizé - Fones: (019) 272-4500 e 272-4534 — Fax: (019) 272-7578
E-mail: papirus@lexxa.com.br — C.P. 736 - CEP 13001-970
Campinas — Filial - Fone: (011) 570-2877 - São Paulo - Brasil.
Proibida a reprodução total ou parcial. Editora afiliada à ABDR.

PARTE II
LER IMAGENS: ICONOGRAFIA E FOTOGRAFIA
COMO OBJETOS DE PESQUISA

4. CAIXÕES INFANTIS EXPOSTOS: O PROBLEMA DOS SENTIMENTOS NA LEITURA DE UMA FOTOGRAFIA 65
5. REFLEXÕES SOBRE ICONOGRAFIA ETNOGRÁFICA: POR UMA HERMENÊUTICA VISUAL 75
6. O OLHO DO REI: AS CONSTRUÇÕES ICONOGRAFICAS E SIMBOLICAS EM TORNO DE UM MONARCA TROPICAL: O IMPERADOR D. PEDRO II 113

PARTE III
ACERVOS VISUAIS E ENSINO

7. NO GARIMPO DO NITRATO: A EXPERIÊNCIA DA MOSTRA INTERNACIONAL DO FILME ETNOGRÁFICO 143
8. IMAGENS E APRENDIZAGENS NA SOCIOLOGIA E NA ANTROPOLOGIA 159
9. INICIAÇÃO À PESQUISA COM IMAGENS 173

PARTE IV
PRODUZIR IMAGENS: A DIMENSÃO IMAGÉTICA
COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

10. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DA IMAGEM FOTOGRÁFICA NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA 197
11. CALEDOSCÓPIO DE IMAGENS: O USO DO VÍDEO E A SUA CONTRIBUIÇÃO À ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS 213

12. UM OUTRO RETRATO: IMAGENS DE MIGRANTES FAVELADOS 225

PARTE V
VÍDEO, ETNOGRAFIA E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

13. NOS BASTIDORES DE UM VÍDEO ETNOGRÁFICO 269
14. (RE)CONSTRUINDO A SAÚDE PORTUGUESA EM VÍDEO: HISTÓRIAS ORAIS, ARTEFATOS VISUAIS E A TRADIÇÃO DE CÓDIGOS CULTURAIS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA 289
15. ANTROPÓLOGOS NA MÍDIA: COMENTÁRIOS ACERCA DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL 305